

## PROVÉRBIOS: FRASEOLOGIAS SOB A ÓTICA DE GÊNERO

Francisca Andréa Ribeiro da Silva<sup>1</sup>

*Resumo:* O artigo “Provérbios: fraseologias sob a ótica de gênero” apresenta uma discussão acerca dos papéis sociais do homem e da mulher, construídos ao longo do tempo, verificados através de alguns provérbios presentes na Língua Portuguesa, os quais são discutidos semanticamente e sugerindo as representações sociais a partir dessas fraseologias. Para isso, fazemos, primeiramente uma discussão teórica sobre conceitos fundamentais para se traçar tal estudo — desde o conceito de Terminologia, passando por discussões sobre fraseologias, provérbios, gênero e representação social. A partir de então, alguns provérbios são analisados, tendo em vista tais representações sociais em relação ao gênero.

*Palavras-Chave:* fraseologia, provérbio, gênero e representação social.

## PROVERBS: PHRASEOLOGY UNDER THE GENDER PERSPECTIVE

*Abstract:* The article “Proverbs: phraseology from the perspective of gender” come to bring a discussion about the social roles of men and women, constructed over time, checked through some proverbs present in Portuguese Language, being discussed semantically and suggesting the social representations from these phraseology. For this, we make first a theoretical discussion about fundamental concepts to trace such study — from the concept of Terminology, passing for discussions about phraseology, proverbs, gender and social representation. Since

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Pós-Graduação Linguagens e Saberes na Amazônia — UFPA. Endereço eletrônico: andrearibsilva@hotmail.com.

then, some proverbs are analyzed, in view of such social representations in relation to gender.

*Keywords:* phraseology, proverbs, gender and social representation.

## Introdução

Ao pesquisar provérbios, temos verificado uma relação desses termos com os papéis de gênero. Alguns dos provérbios referem-se a homens e mulheres (e a alguns contextos que os envolvem), mostrando, de certa forma, a visão do papel social do homem e da mulher. Assim, propomos, aqui, uma discussão sobre alguns desses provérbios, tanto observando o conceito de provérbio, na visão tradicional, estruturalista e de outras vertentes científicas, quanto verificando o diálogo desses provérbios com a teoria de gênero, possibilitando, dessa forma, discutir, o aspecto social dos provérbios e suas implicações, envolvendo as ideologias e representações sociais e buscando compreender os sentidos veiculados nas fraseologias.

Com isso, notamos que o presente trabalho proporcionará uma reflexão crítica em relação à visão da sociedade perante o homem e a mulher através do estudo semântico dos provérbios analisados. Então, para que essa leitura seja possível, faz-se necessário adentrarmos nas teorias científicas (focando os conceitos), mesmo que de uma forma sucinta, pois não se trata de um aprofundamento dessas teorias, mas de compreendê-las para que possamos saber do que estamos falando. Então, é recomendável refletirmos sobre algumas idiosincrasias destas teorias: fraseologia, provérbios, gênero e representação social. Sendo assim, iniciemos a discussão!

## Um pouco dos conceitos

Para iniciarmos a compreender o contexto da discussão, convém falarmos, primeiro e rapidamente, sobre a fraseologia, que é considerada objeto de estudo da Terminologia. Assim, vamos nos limitar ao entendimento da Terminologia enquanto objeto: “um conjunto de termos de uma especialidade” (DIAS, 2000, p. 90). O estudo da fraseologia vem suscitando inúmeras discussões e divergências quanto à definição, pelo seu caráter complexo.

Krieger e Finatto (2004, p. 84) definem a fraseologia, de uma forma geral, associando-a ao aspecto de estruturação linguística estereotipada, que gera interpretações semânticas independentes dos sentidos veiculados nos constituintes da estrutura, enquadrando como exemplos os provérbios, as frases feitas, as expressões idiomáticas, as locuções (verbais e nominais) e as expressões típicas de abertura e fechamento em correspondências formais.

Alguns estudiosos distinguem fraseologia de termo, como é o caso de Blais (1993 *apud* KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 87), em que relata que o termo, seja simples (uma palavra) ou complexo (várias palavras), é compreendido como um “conceito de forma unívoca no interior de um conjunto de conhecimentos” e fraseologia uma “combinação de elementos linguísticos que designam uma combinação de conceitos e noções [...] mas nunca chegam a estrutura de frases; situando, portanto, entre o termo e a frase”. Já Daniel Gouadec (1994 *apud* KRIEGER e FINATTO, 2004, p. 88) considera-os como “cadeias de caracteres especializados”, diferenciando-os na visão de que o termo assinala objetos e conceitos enquanto a fraseologia são expressões ou fórmulas que expressam um conteúdo próprio de um campo, especificando o que elas significam, sua função e como se comportam. Além do mais, Gouadec destaca que as fraseologias passam por processos de variações (as expressões podem se agrupar a outros elementos, causando a variação) e estereo-

típicos (no sentido de estar relacionados a fatores de aplicação, tipo de documento, contexto de elocução).

O aspecto da variabilidade pode ser verificado nos provérbios, como afirma Lopes (1992, p. 22) ao relatar que as variantes nos provérbios “impõe-se pela sua frequência de uso e é em relação a ela que se medem eventuais adições, reduções ou transformações”. Tendo isso em vista que o critério de fixação dos provérbios deve ser relativizado, já que o provérbio está sujeito a modificações. Porém, temos percebido, que por mais que haja mudanças estruturais, o sentido da mensagem não é alterado. Também se verifica no provérbio o aspecto de estereotípicos: “fragmentos de uma sabedoria tradicional estereotípica” (LOPES, 1992, p. 1), mas que continuam sendo inovados nas diversas situações, adequando-se ao contexto.

Segundo Lopes (1992) os conceitos de provérbio situam-se sob algumas perspectivas: uma diz respeito ao conceito tradicional e clássico, outra ao conceito do estruturalismo linguístico europeu, em outra a visão da paremiologia e, também, da semiologia. Na leitura clássica, o provérbio está associado à verdade e à atemporalidade, impondo-se como argumento de autoridade, por isso tido como verdadeiro. Também é associado à elocução — um ornamento no discurso, pela presença de figuras de estilo. São “sentenças lapidárias e concisas que o uso popularizou e consagrou” (LOPES, 1992, p. 9), como textos anônimos, presentes na memória coletiva de um povo e “encarado como um instrumento didático, através do qual se ditam normas de comportamento e se perpetuam valores axiológicos que funcionam como alicerce da vida comunitária” (LOPES, 1992, p. 11).

Na visão do estruturalismo, o provérbio é tido como fraseologia. Lopes busca conceituá-lo, fazendo uma leitura crítica sobre as considerações de Coseriu (1977), Greimas (1960) e Zuluaga (1980), chegando à conclusão que tais estudiosos concordam em afirmar que o provérbio “é definido

essencialmente em termos de forma fixa, unidade fraseológica que integra o inventário das unidades da língua, sendo invocados como parâmetros decisivos da fraseologia a fixação e a idiomaticidade” (LOPES, 1992, p. 20). Sabemos que não devemos considerar a fixação dos provérbios como verdade, mas que eles são relativamente fixados, já que possuem a capacidade de variação, como vimos acima.

Na visão da paremiologia, o provérbio é visto enquanto texto. Milner (1969 apud LOPES, 1992, p. 24) considera o provérbio uma “estrutura simétrica, tanto do ponto de vista formal como semântico”, baseada em uma estrutura quadripartida. Essa conceituação peca, pois nem todo provérbio segue essa estrutura. Dundes (1975 apud LOPES, 1992, p. 24) afirma que o provérbio pode ser analisado tendo em vista o tópico e comentário, distinguindo esse tipo de fraseologia de outras expressões fixas. Porém essa definição é ampla demais. Ainda sob essa mesma ótica, Norrick (1985 apud LOPES, 1992) trata o provérbio como possuidor de um caráter oral, conversacional, tradicional, geral, fixo em comparação a outros gêneros, didático e figurativo. Percebemos que Norrick aproxima-se do conceito clássico em alguns aspectos, como o didático, tradicional e figurativo. Sob a visão da paremiologia, Norrick é o estudioso que melhor define o provérbio.

Quanto à visão semiótica, Lopes (1992) destaca as considerações de Kleiber (1989 a) o qual afirma que os provérbios são frases que conotam situações gerais centradas no homem, sem ancoragem no espaço e no tempo, pois são informações que persistem ao longo do tempo em instâncias episódicas de situações típicas.

Então, importa aqui neste trabalho, compreender, a partir dessas discussões, que os provérbios são difundidos de geração a geração, através, da linguagem oral, em tempos e lugares diversificados. Eles representam empiricamente muito dos valores e do pensamento da comunidade, sendo de

certa forma, padronizados semanticamente. Olhar o provérbio a partir da semiologia é produtivo para o trabalho aqui proposto, já que a proposta do artigo é verificar os sentidos de determinados provérbios, na perspectiva de gênero.

Tendo em vista a análise de provérbios nessa perspectiva, convém abrir as discussões sobre gênero: entendemos que os estudos de gênero estão vinculados na relação entre feminino e masculino, verificando os papéis sociais atribuídos a cada um deles, as convicções sociais construídas ao longo do tempo, formando, assim, a identidade de gênero. Essas identidades são difundidas por meio dos discursos da sociedade, os quais veiculam ideologias, maneiras de interpretar as relações de gênero. E que o estudo de um gênero implica o estudo do outro, como podemos verificar abaixo:

Joan Scott (1998), em recente definição da categoria gênero, ensina-nos que o gênero é uma categoria historicamente determinada que não apenas se constrói sobre a diferença de sexos, mas, sobretudo, uma categoria que serve para “dar sentido” a esta diferença. Concordo com essas definições e penso que, em linhas gerais, gênero é uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual. Gênero serve, portanto, para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado (GROSSI, 1999, p. 5).

Esse processo de atribuição de papéis suscita as representações sociais sobre as categorias de gênero, compreendendo que “Tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra” (GROSSI, 1999, p. 6). Verificando os papéis de gênero nos discursos dos provérbios, podemos verificar que os papéis de gênero nesse caso não mudam, já que os provérbios sofrem variações na forma e não no sentido.

Se Scott (1995) argumenta que o gênero é uma categoria eficaz para a análise histórica, imaginem se associarmos o gênero com os provérbios. Essa análise ganha ainda mais força, pelo caráter tradicional e discursivo do provérbio. Este passa a ser uma prova da visão atribuída ao homem e à mulher na sociedade patriarcal, pois a língua possui o poder de transmitir as marcas culturais e ideológicas de um povo.

Diante disso, podemos atribuir a alguns provérbios a capacidade de revelar as representações sociais das categorias de gênero. Tais representações podem ser identificadas como:

[...] elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos [...] são construídas socialmente e estão, necessariamente, ancoradas no âmbito da situação real e concreta dos indivíduos que as emitem [...] há que se considerar que as representações sociais (muitas vezes idealizadas a partir da disseminação de mensagens e de percepções advindas do “senso comum”) sempre refletem as condições contextuais dos sujeitos que as elaboram, ou seja, suas condições socioeconômicas e culturais. (FRANCO, 2004, p. 170-171).

Disso, depreendemos que tanto as representações sociais quanto os provérbios traduzem um modo de viver, de enxergar a realidade e o outro. Isso porque o uso de um provérbio é uma das maneiras de transmitir, através da linguagem, as representações sociais.

Feito essas considerações acerca de alguns conceitos considerados necessários à compreensão do caráter de alguns provérbios de representar as categorias de gênero, convém verificarmos os provérbios que possuem essa singularidade.

## Representação social das categorias de gênero em alguns provérbios

Como foi afirmado acima, os provérbios falam muito da cultura, da visão de mundo e das ideologias de um povo, transmitindo isso através do atributo de supostas verdades aceitas pelos falantes, já que os mesmos os reproduzem, veiculando normas de condutas e papéis sociais, generalizando-os aos sujeitos. Quem utiliza provérbios, conforme Berrendonner (1982 apud LOPES, 1992, p. 39) revela sua própria enunciação como reflexo de ilimitadas enunciações anônimas já usadas, ou seja, há uma concordância pelos falantes em relação aos discursos veiculados nos provérbios.

Vejamos, a partir deste momento, alguns provérbios que estão presentes no discurso dos falantes da língua portuguesa, desde muito tempo, sendo que alguns dos provérbios que serão estudados possuem registros no latim.

O provérbio seguinte “Brigam as comadres, descobrem-se as verdades” (*Feminarum furgiis deteguntur vera*), denota uma característica em que, geralmente, a sociedade atribuiu as mulheres (“comadres”), como vingativas, pelo fato de uma comadre não ser mais amiga da outra e, por isso, denuncia as verdades confidenciadas secretamente. Outra singularidade da representação da mulher expressa nesse provérbio é a de que há uma falta de lealdade ao agir dessa forma, falando os segredos, como uma fofoqueira. Outro provérbio que possui esta mesma singularidade: a de que a mulher fala demais: “Mulher andeja fala de todos, e todos dela” (*De cunctis loquitur faemina quae tota cursitat urbe vaga*). Nessa expressão, verificamos que a mulher que anda de um canto para outro, que não se acomoda em casa, possui a característica de falar dos outros, mas que moralmente não é bem vista, porque, segundo o provérbio dá motivos para que seja “falada”, ou seja, mal vista pela sociedade.

Já neste outro provérbio “Em casa de mulher rica, fala o marido e ela grita” (*Imperat et clamat quaecumque est femina dives*), percebemos que é atribuído à mulher rica o papel de autoritária, de quem não é submissa ao marido, enquanto a este cabe-lhe a submissão. Notamos que o fator que determina ser submisso ou não, nesse caso, é a posse do dinheiro. Tal provérbio anuncia, de forma suave, uma reprovação em relação à atitude da mulher, percebida pela preferência do uso do verbo gritar. Isso, também, é notado em “A galinha que canta como galo corta-se-lhe o gargalo”, em que se sugere uma punição para esse comportamento da mulher, que metaforicamente é a galinha enquanto o homem é o galo. Neste caso, tanto ao homem quanto à mulher são definidos papéis no seio familiar, os quais são distintos, tendo apenas o homem o direito à voz. Outros provérbios que possuem uma correlação de sentido em relação ao anterior são: “Onde canta galo não canta galinha” e “Triste da casa onde a galinha canta e o galo cala”. Neles podemos perceber claramente a visão da sociedade patriarcal, em que o homem é que deve ter o controle das situações familiares e deixa explícito (“Triste da casa”) o fato de que a família não será bem conduzida se a mulher for a responsável dessa casa.

Outro provérbio que atribui papéis à mulher em relação à posse do dinheiro é: “Viúva rica com um olho chora e com o outro repica” (*Si vidua est locuples, lacrimoso lumine ridet*). Verificamos nesse discurso, de maneira reprovativa, a ideia que a viúva rica mal saiu do luto já está preocupada em conseguir um novo matrimônio. Dessa forma, atribui às viúvas ricas a característica de transgressora dos “bons costumes” e a opõe às viúvas pobres, que, segundo essa oposição, são contidas quando se trata de um novo relacionamento amoroso. Apesar dessas visões enquadrarem-se mais às sociedades de épocas passadas, verificamos que elas ainda hoje, em menor grau, encontram-se presentes nos discursos de muitas pessoas.

Quando essa visão se refere ao homem, não é feita nenhuma distinção, como percebemos no provérbio: “Dor de mulher morta dura até à porta” (*Confestim fletus emissae conjugis arent*). Verificamos que é atribuído ao homem pouca sensibilidade com a morte de sua esposa, pois logo estará preocupado em enamorar-se novamente. Nesse aspecto, há a representação do viúvo de forma geral, sem que haja uma diferença entre o pobre e o rico. Outro papel relacionado ao homem por meio de provérbio é o de que não é confiável, quando se trata de relações amorosas, como verificamos no provérbio “Mulher que nas juras de homem se fia, chora de noite e de dia”. Porém, há outro provérbio que recrimina a atitude do marido que trai a esposa: “Quem honra a cozinha, não sai com a vizinha”. É bom destacarmos a metáfora “honrar a cozinha”, que se relaciona à mulher, tendo ela um lugar demarcado na casa: a cozinha, já que historicamente associasse esse espaço somente às mulheres, pelo fato de ser atribuído a elas o papel de cozinheira.

Já em outro provérbio, notamos que a mulher passa a ser não confiável na seguinte situação: “Mulher que a dois ama, a ambos engana”, em que vem à tona aquela ideia tão difundida e enraizada na sociedade de que se o homem tem dois amores ou mais é garanhão, passa a ter boa fama, principalmente entre homens, mas se essa mesma situação se aplicar às mulheres, estas passam a ser mal vistas tanto entre homens quanto entre as outras mulheres. A sociedade moralizadora chega a proferir que essas mulheres são “sem vergonhas”, como podemos comprovar no provérbio “Não confies em flores que desabrocham em Março, nem em mulher que não tem vergonha”, tornando-se não confiáveis. Já neste outro provérbio: “Mulher feia é casta por natureza”, essa mulher seria confiável porque não possui a beleza que atrai desejos. Nisso, tal provérbio afirma, implicitamente, que as mulheres belas traem seus maridos, por serem cobiçadas e não resistirem aos anseios dos homens. Dessa forma, perce-

bemos um discurso preconceituoso tanto às mulheres consideradas belas quanto às que não são. Tal observação pode ser vista, também, no seguinte provérbio: “A beleza é o poder pelo qual a mulher encontra o amante e aterroriza o marido”, como se a beleza fosse um indicador de traição.

Há provérbios também que alimentam a ideia de que a mulher é o sexo frágil, como em “Mulher e vidro sempre estão em perigo” (*Et vitrum et mulier sunt in discrimine semper*), em que ela é comparada com vidro, por necessitar de cuidados para que não se “quebre”. Daí, o pensamento de que a mulher necessita sempre de alguém por perto que a conduza, entre outras coisas, para que não seja desmoralizada socialmente, sempre na ideia de que a mulher não possui a capacidade de tomar conta de sua própria vida. Também é verificado que a sociedade que propaga esse provérbio, de certa forma, exige que a mulher seja um exemplo de boas qualidades, conforme certas convicções, em que podemos notar, outrossim, em “Mulher boa é prata que soa” (*Nil melius muliere bona*), funcionando como um incentivo à mulher, para que seja detentora dessas qualidades e com isso ser reconhecida e valorizada pela sociedade.

Dentre os papéis atribuídos à mulher e ao homem, ao longo do tempo, verificamos que a mulher é do lar e o homem da rua, como averiguamos em: “Fica melhor a mulher no seu lar, ouvindo o grilo cantar”, não sendo dado à mulher espaço no mercado de trabalho. É uma categoria de gênero diretamente associada ao lar. Porém, esse aspecto vem mudando significativamente, em que percebemos a mulher inserida no mercado de trabalho e, em alguns casos, o esposo cuida da casa enquanto a mulher é a provedora.

A representação social da mulher como alguém que não sabe administrar seu dinheiro é expresso por meio do provérbio “A moça em se enfeitar e a velha em beber, gastam todo o seu haver (seus bens)”, atribuindo a elas um caráter fútil, por não se conter diante de suas vontades

materiais. Também é atribuído à mulher a visão de interesseira financeiramente, como afirma o provérbio: “Quem gosta de homem é homossexual, mulher gosta de dinheiro”.

Quando se trata da relação entre homem e mulher diante do casamento, verificamos que, conforme o provérbio “Casamento feito, noivo arrependido”, há uma certa rejeição por parte do homem ao casamento. Já em “Filha desposada, filha apartada”, averiguamos uma prática muito comum em épocas passadas de determinadas culturas e ainda presente em outras: o fato de permanecer casada, mesmo diante de um casamento infeliz, para não contrariar a sociedade e a família, por estas acreditarem ser uma desonra à mulher. Nesse contexto, a mulher é vítima de preconceitos e considerada não digna de respeito. Entretanto, em outro provérbio “Mãe, que cousa é casar? Filha, fiar, parir e chorar” a visão da mãe revela o sofrimento pelo qual passam as mulheres, notado pelo verbo “chorar” (resultado de um casamento infeliz) e também mostra qual o papel da mulher na sociedade: esposa e mãe.

Nos provérbios também há espaço para revelar as relações libidinosas entre o homem e a mulher, como em: “O homem é fogo e a mulher estopa: — vem o diabo e sopra” (*Dicitur ignis homo, sic femina stupa vocatur; insuflat demons: — gignitur ergo focus*), mostrando, assim que um completa o outro. Na metáfora “O homem é fogo” é revelada a virilidade do homem, do macho, que não pode se negar a isso, como podemos notar em: “Homem que fala como mulher, livre-me Deus dele”. Há, nessa fraseologia, uma visão de reprovação quanto ao homem que venha a possuir características femininas. Então, o papel do homem, segundo tais provérbios, é ser viril e heterossexual.

Na relação entre as categorias de gênero, é possível, também, verificar em provérbios um olhar “doce” do homem em relação à mulher, como em: “Numa mulher não se bate

nem com uma flor”, veiculando a ideia de respeito à mulher e de reprovação a atitudes de violência contra as mulheres. Contrário a essa ideia tem-se: “Em briga de marido e mulher, não se mete a colher”, em que notamos, implicitamente, a ideia de que mesmo que a mulher ou o homem esteja em situação de violência ninguém deve se envolver, mostrando, assim, uma sociedade indiferente a essas questões.

Contrariamente à ideia de valorização da mulher, temos os seguintes provérbios: “Não se deve emprestar nem livro nem mulheres. Nunca devolvem os livros; as mulheres, sempre”, “Mais vale homem de palha que mulher de ouro”, “Mulheres, mulas e muletas, tudo se escreve com a mesma letra”. Notamos neles uma visão bastante preconceituosa em relação à mulher: no primeiro ela é reduzida a um objeto possível de empréstimo; no segundo é desvalorizada em relação ao homem e no último sua função é comparada a mulas e muletas.

### **Considerações finais:**

Todos os provérbios analisados acima são reflexos do modo de pensar de determinada sociedade, em que notamos que os discursos, dos falantes que fazem uso desses provérbios, estão reproduzindo os papéis de gênero, construídos historicamente, muitas das vezes calcados na ideia de uma sociedade patriarcal, em que percebemos uma divisão bem delineada de funções atribuídas a homens e à mulheres. Pelo fato de os provérbios possuírem um teor de argumento de autoridade, tais discursos passam a ser vistos como verdade. Porém, é bom verificarmos que a maioria desses provérbios mencionados acima provém de épocas bem remotas, com visões construídas naquela época. Contudo, é bom frisar que algumas dessas visões ainda permanecem presentes na nossa sociedade contemporânea e outras estão em um processo de desconstrução.

Sabemos que a sociedade tem mudado, ainda que em um processo lento, essas visões estereotipadas e que hoje já percebemos o início de uma desestruturação desses papéis, pois já começamos a notar a mulher não sendo destinada apenas ao papel de dona de casa, mas de alguém que atua no mercado de trabalho e, em relação ao homem, é de alguém que possui sua responsabilidade, no que tange às despesas familiares, mas que também contribui com os afazeres domésticos, apesar de isso ocorrer de uma forma privativa, no sentido do homem, que atua como doméstico, sentir-se envergonhado perante os outros homens, devido a visão machista.

Dessa reflexão feita neste artigo, convém ressaltarmos que os provérbios nos serviram como importantes objetos de estudo para percebermos as representações sociais atribuídas aos papéis de gênero, percebendo como os discursos revelam muito sobre o que pensa determinada sociedade e como os atores sociais se relacionam. Vale destacar, também, que a contribuição teórica foi de fundamental importância para a compreensão sobre provérbios, fugindo do senso comum sobre esse assunto e adentrando, ainda que de forma incipiente, numa discussão mais sistemática.

## Referências

DIAS, Cláudia Augusto. *Terminologia: conceitos e aplicações*. Ci. Inf. Brasília, v. 29, n. 1, p. 90-92, jan./abr. 2000.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência*. Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121. p. 169-186, jan./abr. 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de gênero e sexualidade*. Disponível em: <http://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/artigos/> Acesso em 22/04/15.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LAUAND, Jean. *500 provérbios portugueses antigos: educação moral, mentalidade e linguagem*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/vdletras4/jeans2.htm> Acesso em 27/04/15.

LOPES, Ana Cristina Macário. *Perspectivas anteriores; Para uma análise semântica e pragmática do texto proverbial*. In: *Texto Proverbial Português: Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Dissertação (Doutoramento em Linguística Portuguesa) — Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 1992, parte I, caP. 1 e 2, p. 9-47).

SILVA, José Pereira da. *Alguns provérbios, máximas e frases feitas de origem latina que são bastante comuns entre nós*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4%2812%2954-76.html> Acesso em 27/04/15.

[Recebido: 16 fev. 2016 — Aceito: 09 mar. 2016]